

A LINGUÍSTICA COGNITIVA NA ANÁLISE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: REFLEXOS DE UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

COGNITIVE LINGUISTICS IN THE ANALYSIS OF BRAZILIAN PORTUGUESE: REFLECTIONS OF AN ACADEMIC TRAJECTORY

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19666

Lilian Ferrari¹

Resumo: Este trabalho apresenta as etapas envolvidas em minha trajetória acadêmica, com foco nos aspectos que me levaram a me dedicar ao ensino e pesquisa em Linguística Cognitiva. Inicialmente, enfoco minha chegada à Linguística Cognitiva, a criação do Laboratório de Pesquisa LINC/UFRJ e publicação do livro “Introdução à Linguística Cognitiva”. Em seguida, traço um panorama da Teoria dos Espaços Mentais, discutindo as principais noções que fundamentam a teoria e o conceito de (inter)subjetividade com base na noção de Redes de Espaços Comunicativos Básicos (BCSN). Finalmente, apresento uma análise de condicionais preditivas do português brasileiro no âmbito desse modelo teórico.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva, Teoria dos Espaços Mentais, Rede Básica de Espaços Comunicativos, (inter)subjetividade, construção condicional.

Abstract: This work presents the steps involved in my academic journey, focusing on the aspects that led me to dedicate myself to teaching and research in Cognitive Linguistics. First, I focus on my arrival at Cognitive Linguistics itself, the creation of LINC/UFRJ Research Laboratory, and the publication of the book "Introduction to Cognitive Linguistics". Next, I outline an overview of the Theory of Mental Spaces, discussing the main notions that underpin the theory and the concept of (inter)subjectivity based on the notion of Basic Communicative Spaces Network (BCSN). Finally, I present an analysis of predictive conditionals in Brazilian Portuguese within the scope of this theoretical model.

Keywords: Cognitive Linguistics, Mental Spaces Theory, Basic Communicative Spaces Network, (inter)subjectivity, conditional construction.

Introdução

A Linguística Cognitiva pode ser considerada um referencial teórico relativamente recente entre os estudos linguísticos, tendo surgido oficialmente no final dos anos 80 (1989/1990²). No Brasil, a área começou a ganhar força em 1995, com a criação do Grupo de Pesquisa “Gramática e Cognição” (G&C, UFJF)³.

¹ Professora Titular do Departamento de Linguística e Filologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: lilianferrari@letras.ufrj.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7808-4425>.

² O primeiro congresso de LC foi realizado em 1989, e a revista criada a partir daí – Cognitive Linguistics -, publicada em 1990, acabou por dar nome à área.

³ O Grupo “Gramática e Cognição” era coordenado pela Profa Dra Maria Margarida Salomão (UFJF), tendo como pesquisadores participantes um grupo de professoras da UFJF, UFRJ e UERJ.

Tendo em vista os desdobramentos da pesquisa que comecei a desenvolver como membro do grupo G&C, o presente artigo tem dois eixos principais. Em um primeiro momento, busco detalhar o percurso acadêmico que me possibilitou eleger a Linguística Cognitiva como foco principal de minha pesquisa, após ter desenvolvido pesquisas pautadas no Funcionalismo Norte-Americano (Thompson, 1989; Givón, 1984, 1990) e na Sociolinguística Variacionista (Labov, 1966, 1972). Em seguida, busco traçar um panorama dos objetos de estudo selecionados em meu percurso como pesquisadora da área, destacando aqueles que se mostraram mais produtivos.

O artigo está organizado em três seções principais. Na seção 1, destaco as principais etapas de minha trajetória acadêmica, desde a graduação em Psicologia (UFRJ) até chegar à Linguística e, posteriormente, à Linguística Cognitiva. A seção 2 enfoca os principais pressupostos teóricos da Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997; Fauconnier; Turner, 2002), que se caracterizou como a principal vertente teórica adotada em minhas pesquisas, embora não tenha sido a única⁴. São discutidas as noções de espaços mentais, *mapping*, construtores de espaços mentais, Ponto de Vista e mesclagem conceptual, além dos conceitos de subjetividade/intersubjetividade relacionados à noção de Rede de Espaços Comunicativos Básicos – BCSN (Dancygier; Sweetser, 2005; Sanders; Sanders; Sweetser, 2009). Por fim, na seção 3, apresento uma análise de construções condicionais preditivas do português brasileiro no âmbito desse modelo, com o objetivo de apontar que combinações modo-temporais distintas indicam diferentes graus de (inter)subjetividade.

1. Percurso inicial

Minha trajetória acadêmica teve início em 1977, com a graduação em Psicologia, na UFRJ. Nos dois primeiros anos de curso, tive contato com disciplinas que me fascinaram, tais como Filosofia, Antropologia, Sociologia, Lógica Matemática e Psicolinguística. Nessa última disciplina, tomei conhecimento das ideias do psicólogo behaviorista B. F. Skinner sobre o modelo estímulo-resposta e o papel da imitação na aquisição da linguagem (Skinner, 1957), e do célebre questionamento de Noam Chomsky a essas ideias, a partir do argumento de que a criança é capaz de produzir sequências nunca ouvidas antes e, principalmente, capaz de cometer ‘erros inteligentes’ (Chomsky, 1959). Assim, após terminar o curso de Psicologia, procurei a Faculdade de Letras da UFRJ. Tomei conhecimento de que a seleção para o Mestrado em

⁴ Em especial, a Gramática Cognitiva (Langacker, 1987, 1991) constituiu outra vertente teórica de especial relevância na análise de estudos dedicados ao tratamento do significado como conceptualização.

Linguística deveria ocorrer no final daquele mesmo ano e, em março de 1981, inscrevi-me em um curso de especialização, que era oferecido na Faculdade de Letras à época, com a intenção de me preparar para a referida seleção.

Tendo sido aprovada, iniciei o Mestrado em março de 1982. Cursei disciplinas com os professores Jurgen Heye, Miriam Lemle, Anthony Naro, Sebastião Votre, entre outros, passando a tomar conhecimento da abrangência da área, em termos de fenômenos a serem investigados, níveis de análise e vertentes teóricas. Em especial, passei a ter contato com o funcionalismo norte-americano, através de textos de pesquisadores já consagrados na área, tais como Talmy Givón, Ellen Prince, Wallace Chafe e Sandra Thompson. Os trabalhos desses autores sobre as inter-relações entre forma e função, enfocando o modo como a codificação linguística pode refletir aspectos relacionados à organização da informação e aos participantes do evento comunicativo, encontraram eco no meu interesse pelo caráter situado da cognição humana, já despertado desde o curso de Psicologia. Sendo assim, desenvolvi a dissertação intitulada “Aspectos cognitivos da interferência da fala na escrita: a repetição na produção de textos”, sob a orientação do Prof. Sebastião Votre, defendida em 1985. Embora os aspectos cognitivos abordados na dissertação refletissem, de modo incipiente, a hipótese de que a produção de textos está necessariamente sujeita às condições gerais da cognição e da comunicação (Beaugrande, 1982), o olhar em retrospectiva sugere que o viés cognitivo adotado àquela altura (e o destaque que lhe foi dado no título do trabalho) já prenunciava o interesse que viria a se consolidar ao longo de minha trajetória acadêmica em relação à articulação entre linguagem e cognição.

Terminado o Mestrado, mudei-me para a cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, e após tomar contato informal com os cursos de Linguística oferecidos na *University of California, Los Angeles* (UCLA), passei a assistir a alguns desses cursos como ouvinte. Nessa época, a Profa. Sandra Thompson, cujos textos haviam despertado meu interesse no Mestrado, lecionava na UCLA e teve papel decisivo nos desdobramentos do meu percurso. Foi através da Profa. Sandra Thompson que tomei contato, pela primeira vez, com textos que serviriam de base para a semântica cognitiva, tendo lido artigos de Eleanor Rosch sobre categorização e protótipos, bem como os trabalhos de Charles Fillmore sobre semântica lexical e *frames*. Sob incentivo e orientação da professora, transformei em artigo um trabalho que havia feito sobre ordem vocabular e inversão do sujeito em português, intitulado *Distribution and function of word order variation in Brazilian Portuguese*. Por sugestão da Profa. Sandra Thompson, o artigo foi submetido à publicação no respeitado periódico de orientação funcionalista *Journal*

of *Pragmatics* (Ferrari, 1990). Ao ter o artigo aceito para publicação, a alegria natural advinda da notícia (tanto mais que esse era meu primeiro artigo publicado na vida!) somou-se a um profundo sentimento de gratidão pelo estímulo, disponibilidade e generosidade da Profa Sandra Thompson. Essa experiência, mais do que toda a aprendizagem que me proporcionou sobre linguística, foi fundamental para a minha futura postura como professora, pesquisadora e orientadora. A Profa. Sandra Thompson, entretanto, deixou a UCLA e foi para a *University of California, Santa Barbara*. Como minha vida já estava estabelecida em Los Angeles, não pude acompanhá-la. Mas, por sua indicação, entrei em contato com o Programa de Linguística da *University of Southern California* (USC), também situada em Los Angeles. Após um ano de estudos informais na UCLA, iniciei o processo de *application* para ingressar na USC formalmente como aluna de doutorado (*PhD in Linguistics*). Tendo sido aprovada, dei prosseguimento à minha formação acadêmica. O doutorado na USC, em seus dois primeiros anos, tinha a preocupação de fornecer bases sólidas para a formação do futuro linguista, oferecendo cursos obrigatórios ministrados por professores renomados em suas respectivas áreas: na área de Gerativa, os professores Oswaldo Jaeggli e Joseph Aoun; na linha funcionalista, as professoras Eleanor Ochs e Patricia Clancy; na Fonologia, o professor Larry Hyman; na Semântica Formal, a professora Muvet Enç, e nos cursos sobre Universais e Tipologias, os professores Bernard Comrie e John Hawkins. O fato de ser aluna do doutorado me deu ainda a oportunidade de trabalhar como “Teaching Assistant (T.A.)” no Departamento de Português. Assim, de 1986/2 a 1987/2, ministrei os cursos de Português Básico e Português Intermediário para alunos de graduação de diferentes cursos da USC.

No final do ano de 1987, entretanto, tive que retornar ao Brasil. Com o intuito de dar continuidade à minha trajetória acadêmica, reiniciei o doutorado na UFRJ em 1988. Àquela altura, o Prof. Votre, que havia sido meu orientador no Mestrado, coordenava o Grupo ‘Discurso & Gramática’; assim, além de frequentar suas aulas, participava semanalmente das reuniões do grupo. Nessa época, entrei em contato com a Sociolinguística Variacionista, já que o Prof. Votre também atuava nessa área. Através de suas aulas em parceria com o Prof. Anthony Naro, tive acesso aos textos fundadores de William Labov, às contribuições de Peter Trudgill sobre contato dialetal e, por fim, ao livro que me causou grande impacto, intitulado *Language and Social Networks*, de Lesley Milroy. Da mesma forma que, no início do Mestrado, me interessei pelos estudos funcionalistas que incluíam a cognição na análise das relações forma-função, agora, no Doutorado, parecia ter encontrado a peça que faltava ao quebra-cabeça. Não apenas os processos cognitivos de base individual, realizados por falantes e ouvintes, deveriam

estar refletidos nas línguas, mas também os processos sociais, que envolviam atos de identidade forjados a partir de graus de coesão de redes sociais⁵. Como o Prof. Votre estava iniciando uma pesquisa sobre as características linguísticas de uma comunidade relativamente isolada no Rio de Janeiro, percebi que tínhamos ali um excelente laboratório para testar a influência das redes sociais na variação linguística. Sob orientação do professor, passei a desenvolver minha pesquisa de Doutorado no Morro dos Caboclos, uma comunidade relativamente isolada situada no bairro de Campo Grande, RJ.

A pesquisa conciliava a abordagem etnográfica, buscando compreender os fatores socioculturais relevantes para a comunidade através de observação participante e análise quantitativa, pautada no desenvolvimento de instrumentos de mensuração do grau de coesão das redes sociais dos indivíduos. Para descrever e explicar o comportamento linguístico dos habitantes do Morro dos Caboclos, foram entrevistados 40 indivíduos. Após a transcrição das entrevistas, foram selecionadas 13 variáveis linguísticas para análise, sendo doze fonológicas e uma morfossintática. Os resultados, estatisticamente computados, apontaram para uma relação estreita entre grau de coesão da rede (mensurado a partir de uma escala elaborada para avaliar a atitude subjetiva dos informantes em relação à vida no Morro e aos bairros circundantes) e uso de variáveis linguísticas. A defesa da tese de Doutorado – ‘Variação Linguística e Redes Sociais no Morro dos Caboclos, RJ’ – ocorreu em março de 1994. Vale destacar que o trabalho foi um dos pioneiros na utilização do conceito de redes sociais na análise sociolinguística do português brasileiro, na esteira do caminho aberto por Bortoni-Ricardo (1985) e foi, certamente, inédito na descrição das características linguísticas de uma comunidade relativamente isolada na cidade do Rio de Janeiro.

Conforme já mencionado, uma das variáveis analisadas na tese era morfossintática. Tratava-se da preposição locativa, que admitia a variação entre as formas ‘em’ e ‘ni’ (ex. Ela mora *em/ ni* Campo Grande). Em capítulo especialmente dedicado a essa variação, vários fatores foram testados (ex. referência +/-precisa do nome subsequente, transitividade verbal, etc.), utilizando-se o Programa VARBRUL; os resultados, entretanto, não foram conclusivos. A análise do fenômeno seria retomada alguns anos mais tarde, quando comecei a me interessar pela Linguística Cognitiva. Publiquei o artigo “Variação e cognição: o caso das preposições locativas *em* e *ni* no Português do Brasil” na Revista da Anpoll (1997), desenvolvendo a

⁵ Na época, o termo “redes sociais” ainda não se referia a espaços virtuais. O termo usado na minha tese, com base na proposta do livro “Language and social networks”, de Lesley Milroy (1980), referia-se a estruturas sociais compostas por pessoas conectadas por um ou vários tipos de relações sociais.

proposta de que o uso da preposição ‘ni’ sinaliza a ativação cognitiva de uma função pragmática, de caráter metonímico, que associa o referente do nome encabeçado por ‘ni’ a um local (por exemplo, na sentença “Ela foi *ni* Ana”, a ocorrência de ‘ni’ atua como pista para que o ouvinte acesse metonimicamente o referente locativo pragmaticamente associado à “Ana” (por exemplo, Ana → casa de Ana).

1.1. Chegada à Linguística Cognitiva

Entusiasmada com as possibilidades analíticas da nova área, aprofundi-me no estudo de seus textos fundadores, o que coincidiu com minha chegada à Universidade Federal de Juiz de Fora e a participação no grupo de pesquisas ‘Gramática e Cognição’. sob coordenação da Profa. Dra. Margarida Salomão, também docente da UFJF e recém-chegada do doutorado na Universidade da Califórnia, Berkeley, tendo sido orientada por Charles Fillmore.

No biênio 95/97, obtivemos apoio do CNPq, para desenvolvimento do Projeto Integrado ‘A Gramaticalização das Representações Espaço-Temporais em Português’. Meu subprojeto, intitulado ‘Gramaticalização e Polissemia nas Reduzidas de Gerúndio’, visava a estabelecer uma análise integrada de aspectos sincrônicos e diacrônicos das construções gerundiais em Português, abordando características polissêmicas e gramaticalizantes dessas construções. Embora as bases da pesquisa fossem predominantemente funcionalistas, já foram iniciadas nesse projeto as primeiras incursões na Linguística Cognitiva, principalmente através da busca de explicações baseadas na atuação de processos figurativos (metafóricos e metonímicos) na gramaticalização e polissemia observadas nas construções investigadas. O principal produto da pesquisa foi o artigo “A Motivação Conceptual da Gramática”, publicado na revista *Matraga* (UERJ), em coautoria com Valéria Chiavegatto (1997).

No biênio 97/99, o grupo ‘Gramática & Cognição’ teve novo Projeto Integrado aprovado pelo CNPq - “Espaços Mentais e a Gramaticalização das Representações Espaço-Temporais em Português”. Meu subprojeto ‘Aspectos Linguístico-Cognitivos das Construções Gerundiais e Participiais’, visou a um aprofundamento da pesquisa anterior, contrastando construções gerundiais e participiais, já sob o enfoque da Linguística Cognitiva e, mais especificamente, da Teoria dos Espaços Mentais, tal como formulada por Gilles Fauconnier (1994, 1997). Durante o período de desenvolvimento do projeto, além do estudo sistemático da Teoria dos Espaços Mentais, aprofundi-me no estudo de vários livros, que já eram considerados clássicos na área (*Metaphors we live by*, de George Lakoff e Mark Johnson (1980), *From etymology to pragmatics*, de Eve Sweetser (1990), *Foundations of Cognitive*

Grammar vols. I e II, de Ronald Langacker (1987, 1991), entre outros. Muitas dessas contribuições eram pautadas na Semântica Cognitiva, a cujas bases eu já havia sido apresentada pela Profa. Sandra Thompson, principalmente através dos textos de Charles Fillmore sobre Semântica de *Frames* (1982), Leonard Talmy sobre *Construal* na Gramática (1988, 2000) e de Eleanor Rosch sobre Teoria dos Protótipos (1973, 1978). Esses estudos atuavam, agora, como pontos de referência importantes para o aprofundamento das leituras em Linguística Cognitiva.

Ainda como membro do grupo ‘Gramática & Cognição’, participei de dois intercâmbios internacionais (CAPES/JNICT) com a Universidade de Lisboa. Durante os intercâmbios, houve visitas intercaladas das professoras brasileiras do grupo “Gramática & Cognição” a Portugal e de professoras portuguesas ao Brasil. Sob a coordenação da Profa. Dra. Isabel Hub Faria, o grupo português reunia as professoras doutoras Inês Duarte e Gabriela Matos, da Universidade de Lisboa, e Hanna Batoréo, da Universidade Aberta, Lisboa. Com essa última, mais diretamente ligada à Linguística Cognitiva, estabeleci diálogo frutífero ao longo dos anos, resultando em apresentação de trabalho em congresso internacional contrastando o Português Brasileiro e o Português Europeu no que se refere à codificação linguística do espaço (Batoréo e Ferrari, ‘*Perspective, events of motion and Talmyan typology*’, *XIII International Cognitive Linguistics Conference*, Newcastle, Inglaterra, 2015) e coautoria de artigos (Batoreo & Ferrari, 2015, 2016).

1.2. Criação do LINC-UFRJ

Em março de 2000, tendo prestado concurso para o Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ, assumi o cargo de Professora Adjunta. Em 2003, obtive minha primeira bolsa individual de Produtividade em Pesquisa do CNPq, para desenvolver o projeto “Cognição, interação e atos de fala: as construções assertivas explícitas na interação conversacional”. Ao mesmo tempo, no final de 2002, surgiu a oportunidade de participar de um Projeto Integrado com o Departamento de Engenharia Eletrônica da COPPE/UFRJ, que enfocava sistemas de conversão texto-fala e estava buscando interlocução com linguistas, com o objetivo de aperfeiçoar os resultados de sua pesquisa.

Em 2006, obtive bolsa da Capes para realizar estágio de pós-doutorado na *University of California, Berkeley*, sob supervisão da Profa. Dra. Eve Sweetser, um dos nomes de referência em Linguística Cognitiva. O estágio de pós-doutorado foi um dos períodos mais ricos de meu percurso acadêmico. O estágio não apenas permitiu o aprofundamento da análise das condicionais, como também resultou em avanços teóricos relevantes sobre o tratamento dos

fenômenos de subjetificação e subjetividade, que já começavam a despertar meu interesse àquela altura.

Durante o pós-doutorado, analisamos dados referentes a condicionais do português brasileiro e do inglês, estabelecendo generalizações importantes no que se refere às condicionais encaixadas em ambas as línguas. O trabalho, intitulado *'Mental space embedding, conditionals and viewpoint shifts'*, foi apresentado em parceria no congresso *'Conceptual Structure, Discourse and Language'* (CSDL), University of California, San Diego (2006). No ano seguinte, já relacionando as noções de subjetividade e Ponto de Vista, apresentamos o trabalho *'Subjectivity and upwards projection in mental space structure'*, na *X International Cognitive Linguistics Conference (ICLC)*. Produzimos, ainda em coautoria, o capítulo *'Subjectivity and upwards projection in mental space structure'*, (Ferrari; Sweetser, 2012), publicado no livro *'Viewpoint in language, a multimodal perspective'*, organizado por Barbara Dancygier e pela própria Eve Sweetser.

Em 2007, motivada pelas experiências do pós-doutorado, fundei o LINC-UFRJ (Grupo de Pesquisas em Linguística Cognitiva), com o objetivo de estabelecer discussões sistemáticas de textos relevantes na área e sobre as pesquisas em andamento desenvolvidas por alunos de IC, Mestrado e Doutorado. Nessa ocasião, apresentei novo projeto de pesquisa ao CNPq, intitulado “Mesclagem conceptual e processos de subjetificação em construções epistêmicas e condicionais” (Proc. 306091/2006-2). O projeto foi desenvolvido no período de 2007 a 2010, e a pesquisa foi apresentada em diferentes fóruns internacionais, a saber: (i) *Perspective and prediction; a mental space approach to Brazilian Portuguese conditional constructions'*, UC, Berkeley, 2008; (ii) *'Crosslinguistic approaches to conditionals'*, University of British Columbia, 2008 e (iii) *'Construções gramaticais e subjetividade: as construções de futuro no discurso político'*, Universidade Católica Portuguesa, 2009.

Ainda no âmbito do projeto, organizei, em 2009, o livro “Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia”, no qual foram publicadas pesquisas realizadas no âmbito do LINC-UFRJ. O livro acabou por desempenhar um importante papel no sentido de dar visibilidade em relação à pesquisa desenvolvida em Linguística Cognitiva com especial enfoque no português brasileiro.

1.3. O livro “Introdução à Linguística Cognitiva”

Em 2011, publiquei o livro “Introdução à Linguística Cognitiva” (Ed. Contexto), que nasceu da necessidade de viabilizar o acesso de alunos de graduação e pós-graduação, bem

como de pesquisadores brasileiros, à Linguística Cognitiva, reunindo seus principais fundamentos teóricos em um único texto em português. O livro consta de sete capítulos, além do capítulo inicial – O que é Linguística Cognitiva? –, dedicado a uma apresentação das motivações para o surgimento do campo. Os capítulos seguintes enfocam diferentes vertentes do “arquipélago teórico” (Geeraerts, 2006) que constitui a LC, a saber: (i) Categorização e protótipos; (ii) Frames e Modelos Cognitivos Idealizados; (iii) Gramática Cognitiva; (iv) Metáforas e Metonímias; (v) Teoria dos Espaços Mentais (vi) Aquisição de linguagem.

A seguir, em 2014, obtive a aprovação do CNPq para novo projeto, intitulado “(Inter) subjetividade, ponto de vista e dêixis em espaços condicionais”, no âmbito do qual foi possível investigar construções condicionais e elementos dêiticos, com base na Teoria dos Espaços Mentais.

Feita a apresentação das principais etapas do meu percurso acadêmico até chegar à Linguística Cognitiva, passo a descrever, na seção 2, os fundamentos teóricos que embasaram as principais pesquisas realizadas até o momento. Em seguida, na seção 3, apresento uma análise de construções condicionais preditivas, relacionando-as à noção de (inter)subjetividade, com vistas a ilustrar aspectos mais recentes de minha pesquisa.

2. Teoria dos Espaços Mentais

Com relação aos pressupostos teóricos que orientaram grande parte de minha pesquisa, e também fundamentam a análise apresentada neste artigo, destaco a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997; Fauconnier; Sweetser, 1996, Fauconnier; Turner, 2002)⁶. No âmbito desse modelo, os conceitos de espaço mentais, *mapping* (correspondência entre domínios), ponto de vista, mesclagem conceptual e (inter)subjetividade são particularmente relevantes, na medida em que se mostram importantes para o entendimento das inter-relações entre estrutura sintática e processos de construção cognitiva do significado.

2.1. Espaços Mentais e *mapping*

Os espaços mentais são conjuntos estruturados, que incluem elementos (a, b, c...) e relações entre elementos (R1ab, R2cbf, etc.), de tal forma que novos elementos podem ser incluídos e novas relações podem ser estabelecidas entre esses elementos. Sendo assim, as

⁶ Minha pesquisa baseou-se, ainda, na Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 1980) e na Gramática Cognitiva (Langacker, 1987, 1991). Entretanto, a Teoria dos Espaços Mentais foi o referencial teórico que embasou a análise dos temas predominantes nas investigações, como é o caso de construções condicionais, que são foco do presente artigo.

expressões linguísticas podem ser distribuídas em três funções básicas: (a) abrir novos espaços, (b) alocar elementos em espaços e (c) sinalizar relações entre elementos nos espaços. Desse modo, tanto a construção de espaços mentais quanto as conexões que se estabelecem entre eles são sinalizadas por vários recursos disponibilizados pela linguagem, entre os quais se destacam construtores de espaços mentais (*space builders*), nomes e descrições (sintaticamente equivalentes a sintagmas nominais), tempo e modo verbais. A seguir, esses conceitos serão detalhados.

2.2. Construtores de espaços mentais

As expressões que abrem novos espaços (ou mudam o foco para um espaço existente) são denominadas ‘construtores de espaços mentais’ (*space builders*), e podem ser exemplificadas pelas seguintes estruturas linguísticas:

- (i) Sintagmas preposicionais (ex. *no quadro de Picasso, na mente de João, em 1928, na escola, na minha opinião, etc.*);
- (ii) Advérbios (ex. *provavelmente, antigamente, etc.*);
- (iii) Conectivos + cláusulas (ex. *Se ___; Quando ___; quer ___ quer ___, etc.*);
- (iv) Combinações sujeito-verbo (ex. *João acredita que ___; Maria espera que ___, etc.*).

Em (i) e (ii), os sintagmas preposicionais e advérbios constroem espaços de diferentes tipos, distintos do espaço comunicativo corrente – o Espaço Base. Por exemplo, “no quadro de Picasso” cria um espaço de representação, distinto do que se entende como mundo real; “na mente de João” abre um espaço cognitivo, ao qual apenas João tem acesso; “em 1928” cria um espaço temporal, diferente do momento atual em que o evento de fala ocorre; e assim sucessivamente. Do mesmo modo, os advérbios “provavelmente”, “felizmente”, etc. podem criar espaços cognitivos que indicam a perspectiva subjetiva do falante em relação a um determinado evento, enquanto “antigamente”, “futuramente”, etc. abrem espaços temporais. O caso ilustrado em (iii) reúne conectivos que abrem espaços hipotéticos (ex. “se chover”), temporais (ex. “quando amanhecer”), alternativos (ex. “quer chova, quer faça sol”), etc. Por fim, combinações sujeito-verbo podem abrir espaços de crença (ex. “João acredita que ...”), desejo (ex. “Maria espera que ...”), entre outros similares.

2.3. Ponto de vista e tempo/modo verbais

Como vimos, à medida que o discurso se desenvolve, configurações elaboradas de espaços mentais são criadas, conectadas entre si e ao conhecimento compartilhado. Os participantes do discurso precisam manter registro mental dos espaços criados, seus conteúdos,

ligações entre eles e a ordem em que vão surgindo. Isso significa saber, a qualquer momento, qual espaço é a Base, qual espaço é o Ponto de Vista (*locus* de criação de outros espaços), e qual espaço é o Foco (*locus* da construção do significado em um determinado momento).

Os tempos e modos verbais desempenham um importante papel na determinação do espaço que está em Foco, sua conexão com a Base e a localização de contrapartes usadas para identificação. Cutrer (1994) propõe três categorias temporais básicas -PASSADO, PRESENTE, FUTURO-, caracterizando-as em termos da configuração de espaços mentais. Assim, o tempo PASSADO aplicado ao espaço N indica que: (1) N está em Foco; (2) O espaço-mãe⁷ de N é o Ponto de Vista; (3) a temporalidade de N é anterior ao Ponto de Vista (i.e., anterior ao espaço-mãe de N); (4) eventos ou propriedades em N são FATO (em relação ao Ponto de Vista). No exemplo “*Em 1990, Max morou em Roma*”, “em 1990” é o construtor de espaço que cria o espaço N a partir da Base (seu espaço-mãe). O PASSADO, marcado pelo morfema *-ou* (em “morou”), indica que: (1) N agora é o espaço Foco; (2) o espaço-mãe de N (no exemplo, o espaço Base) é o Ponto de Vista; (3) o período temporal de N, o ano de 1990, é anterior à Base (ou seja, provavelmente, anterior ao momento do evento de fala); (4) os eventos em N (Max morando em Roma) são apresentados como FATO.

Já o tempo PRESENTE aplicado a N indica que: (1) N está em Foco; (2) N ou o espaço-mãe de N é o Ponto de vista; (3) a temporalidade de N não é anterior ao Ponto de Vista/Base; (4) eventos e propriedades em N são FATO (em relação ao Ponto de Vista). Por exemplo, em *Max tem 23 anos*, o PRESENTE é aplicado à Base/Ponto de Vista, a idade de Max é apresentada como FATO na Base, e a propriedade “ter 23 anos” é válida na Base (isto é, no momento do evento de fala).

Por fim, o tempo FUTURO aplicado a N indica que: (1) N está em Foco; (2) O espaço-mãe de N é o Ponto de Vista; (3) a temporalidade de N é posterior ao Ponto de Vista; (4) eventos e propriedades em N contam como PREDIÇÃO (a partir do Ponto de Vista). Suponhamos que a sentença “*Em 1990, Max morou em Roma*” seja sucedida por “*Em 1991, ele se mudaria para Veneza*”. No evento da mudança de Max para Veneza, o FUTURO é aplicado ao espaço criado por “em 1991”. Quando esse espaço é construído no discurso, o Ponto de Vista está no espaço 1990 (Max morando em Roma). A mudança de Max para Veneza é apresentada a partir desse Ponto de Vista como uma PREDIÇÃO, posterior ao *frame* temporal de 1990.

⁷ Em inglês, “parent space”.

Em linhas gerais, a informação gramatical referente a tempo verbal permite a reconstrução do percurso mental seguido a partir da Base, com mudanças de Ponto de Vista e Foco. Com base nessa informação, falante e ouvinte podem representar o conjunto de relações temporais entre eventos, bem como seu *status* como FATO ou PREDIÇÃO. Embora as operações sejam locais, a configuração global mantém-se disponível, e é possível traçar o percurso de volta à Base, e não apenas ao espaço-mãe imediato do espaço FOCO.

O modo verbal (indicativo, subjuntivo, optativo, condicional, etc.) é outro meio gramatical universal de “acompanhar” a configuração de espaços mentais e acessar seus percursos. Consideremos os seguintes exemplos, em que o verbo “querer” introduz elementos por meio de descrições contendo cláusulas relativas com verbo no subjuntivo ou indicativo:

(1) Maria *quer* um vestido que *seja* longo.

(2) Maria *quer* um vestido que *é* longo.

Nas sentenças (1) e (2), o verbo “querer” constrói um espaço de Desejo (D). Entretanto, em (1), o Presente do Subjuntivo “seja” coloca o espaço D em Foco (e, portanto, a interpretação da referência “vestido” deve ser feita nesse espaço; trata-se de qualquer vestido que possua o atributo “longo”); já em (2), o Presente do Indicativo indica que a referência do vestido deve ser localizada no espaço Base (ou seja, Maria tem em mente um vestido específico).

2.4. Mesclagem conceptual

Em desdobramentos posteriores da teoria, o mecanismo de *mesclagem conceptual* ou *integração conceptual* (“blending”) foi identificado e amplamente estudado, promovendo resultados que comprovaram sua atuação fundamental como processo cognitivo responsável pela criatividade na linguagem (Fauconnier, 1997; Fauconnier; Turner, 2002; Turner, 2014).

O processo básico envolve quatro espaços: dois espaços iniciais (Input 1 e Input 2), entre os quais é possível estabelecer uma analogia (caracterizada no Espaço Genérico), e um espaço-mescla, em que se projetam elementos dos Inputs 1 e 2, formando-se uma estrutura emergente em que um novo significado é criado.

Sendo assim, o processo pode fazer parte da criação de metáforas conceptuais, mas também de fenômenos criativos não necessariamente metafóricos. Nesse último caso, as pesquisas demonstraram que determinadas construções sintáticas podem acionar mecanismos complexos de integração conceptual (Coulson, 2001; Mandelblit, 2000). Assim, além de exemplos clássicos que remetem à integração conceptual promovida por trechos mais amplos

de discurso (exs. “Monge Budista”, “Debate com Kant”, “Regata”, etc⁸), também são analisadas expressões que ativam padrões de integração, tais como compostos nominais N-N (ex. casa-barco), compostos adjetivais N-Adj (ex. candidato provável), além de construções de estrutura argumental (ex. Construção XYZ).

Em especial, a ‘Construção XYZ’, cujo esquema sintático é “X é o Y de Z”, tem sido descrita como sistematicamente relacionada à ativação de mesclas (Fauconnier e Turner, 2002, p. 139-146). Na sentença “Paul é o pai de Sally”, por exemplo, uma rede de integração classificada como ‘simples’ é ativada. O diagrama, a seguir, ilustra o fenômeno:

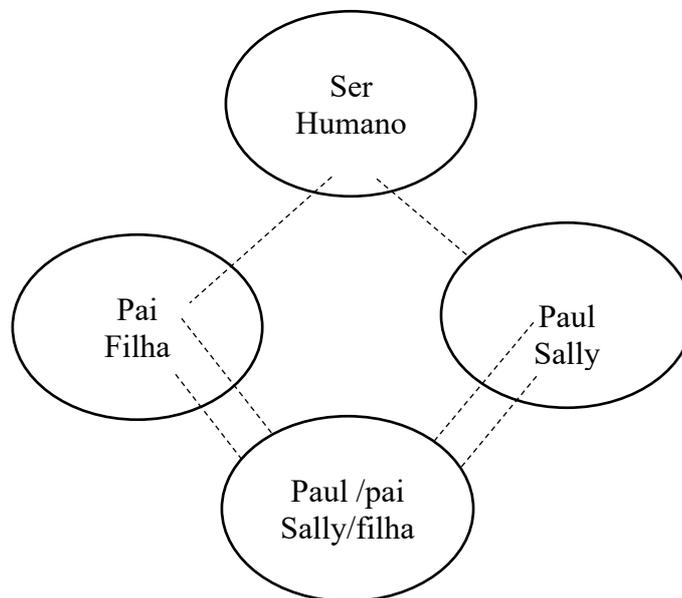


Figura 1 – Mesclagem conceptual ativada por “Paul é pai de Sally”.

Na Figura 1, um dos espaços (*Input 1*) é estruturado por um *frame* composto de *papéis* (pai, filha). O outro espaço (*Input 2*) contém valores, ou seja, uma lista de indivíduos que não participam de um *frame* específico (Paul, Sally). Os *inputs* são pareados e os elementos papel-valor correspondentes são integrados no Espaço-mescla. Vale notar que os indivíduos *Paul* e *Sally* podem ser integrados a outros papéis (por exemplo, Paul/trabalhador da empresa X, Sally/aluna da escola Y, e assim por diante).

2.5. Subjetividade e intersubjetividade

⁸ Os exemplos são discutidos detalhadamente por Fauconnier e Turner (2002).

Os fenômenos de subjetividade e intersubjetividade têm recebido especial atenção no âmbito da Linguística Cognitiva. Em especial, Langacker (1990, 2000) propõe a noção de “*construal*” para indicar o modo pelo qual o conceptualizador “constrói” uma determinada situação e a codificação linguística que lhe é associada. Com base na noção de *Ground*, que se refere ao evento de fala - falante, o ouvinte e momento e local da interação -, o autor propõe que o contraste entre uma construção objetiva e uma construção subjetiva reflete a assimetria entre a proeminência do conceptualizador e a proeminência da entidade conceptualizada. Na esteira dessa proposta, Verhagen (2005) sugere que o *Ground* não é um todo homogêneo, mas envolve, na verdade, maior complexidade, já que qualquer uso linguístico inclui dois conceptualizadores: o responsável pela produção linguística e aquele que a interpreta de um modo particular. Assim, o autor argumenta que os sujeitos da conceptualização se engajam em coordenação cognitiva com relação ao objeto de conceptualização por meio da produção linguística. A coordenação cognitiva, por sua vez é intersubjetiva: o falante convida o ouvinte a observar conjuntamente um objeto de conceptualização, atualizando o ‘*common ground*’ - conhecimento que os conceptualizadores compartilham mutuamente. Esse detalhamento do *Ground* foi posteriormente aprofundado no âmbito da Teoria dos Espaços Mentais, conforme descrito na subseção a seguir.

2.5.1. Rede de Espaços Conceptuais Básicos (BCSN)

Com o desenvolvimento da Teoria dos Espaços Mentais, trabalhos posteriores propuseram que o Espaço Base (correspondente ao *Ground* no modelo), constitui uma Rede Conceptual Básica de Espaços de Comunicação, o BCSN (*Basic Communicative Spaces Network*), que inclui espaços mais implícitos em relação ao *Ground* (Dancygier & Sweetser, 2005; Sanders, Sanders & Sweetser, 2009; Ferrari & Sweetser, 2012). A Figura 2, a seguir, representa a organização desses espaços:

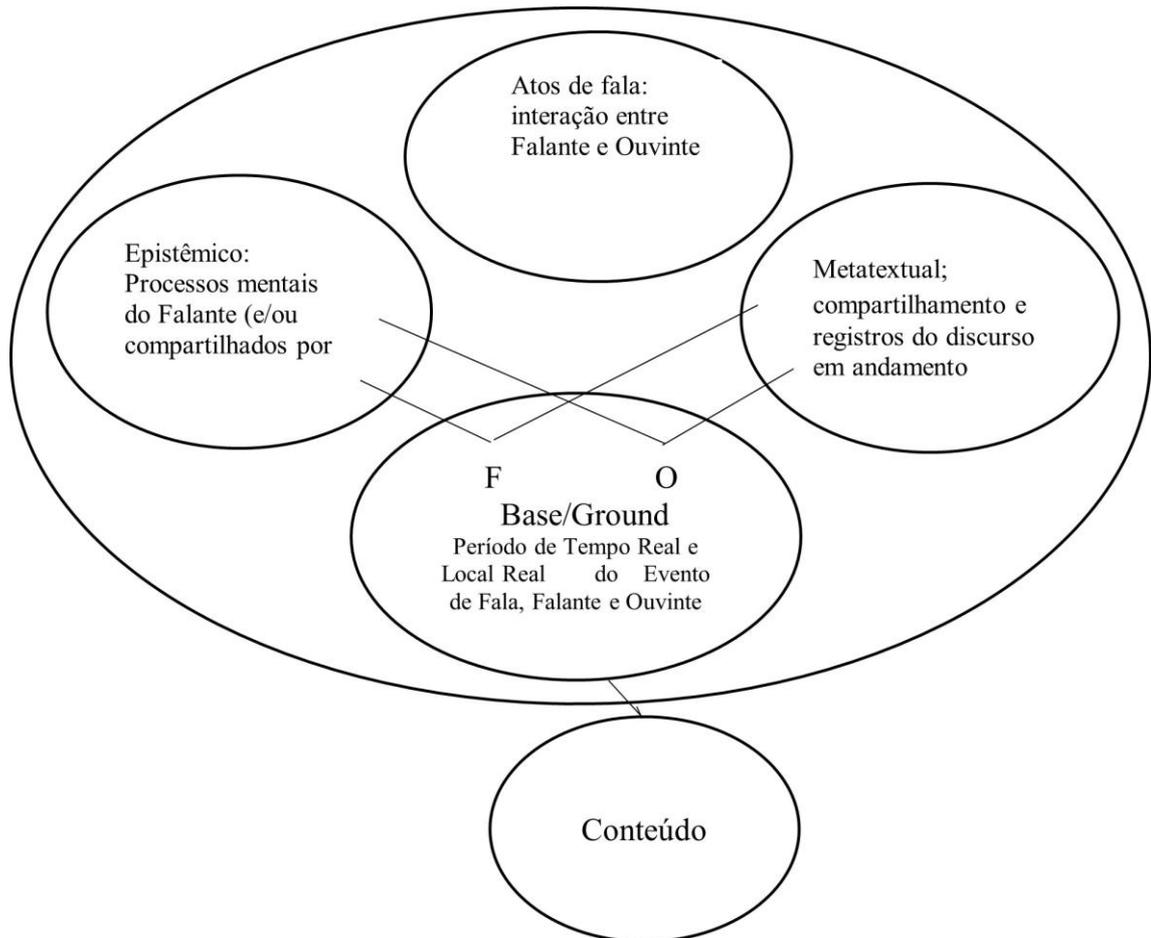


Figura 2 – Rede Básica de Espaços Comunicativos
Fonte: Ferrari e Sweetser (2012, p. 49).

A Rede Básica de Espaços Comunicativos (BCSN), como representado na Figura 2, inclui os seguintes espaços:

- (i) *Base/Ground* – espaço que inclui Falante, Ouvinte(s), momento e local do evento de fala.
- (ii) Espaço de Ato de Fala – espaço de interação conversacional, em que Falante e Ouvinte participam de ações comunicativas.
- (iii) Espaço Epistêmico – espaço relacionado aos processos de raciocínio do Falante e/ou do Ouvinte;

- (iv) Espaço Metatextual – espaço que contém os registros do discurso em andamento.

A complexa Rede BCSN inclui, ainda, o Espaço de Conteúdo, permitindo que a interpretação referencial desse espaço se torne possível. Como apontado por Langacker (1987, 1990, 1991), embora o *Ground* possa não ser objeto da codificação linguística, é inevitável que “ancore” essa codificação. Com base nesses conceitos, a seção a seguir apresenta uma análise de condicionais preditivas.

3. Construções condicionais

Em minha pesquisa, enfoquei, principalmente, a investigação de construções gramaticais, distribuídas em construções sintáticas, sintagmáticas e lexicais. Entretanto, a análise de construções sintáticas predominou, correspondendo a 34% das publicações. Mais especificamente, a análise do pareamento forma-significado em construções condicionais no Português Brasileiro (PB) alcançou uma frequência de 40% das construções sintáticas investigadas (Ferrari, 1999a, 1999b, 2000a, 2000b, 2001, 2002, 2005, 2007, 2008, 2012a, 2012b; Ferrari e Almeida, 2015; Ribeiro e Ferrari, 2022). Sendo assim, com base no modelo BCSN, apresento, nesta seção, uma análise de condicionais preditivas do PB, com o objetivo de argumentar que esse modelo que, como vimos, vem sendo desenvolvido no âmbito da TEM, permite analisar os graus de subjetividade/intersubjetividade associados a combinações modo-temporais distintas que podem ocorrer nessas construções.

3.1. Espaços mentais e construções condicionais

De acordo com a Teoria dos Espaços Mentais, a estrutura sintática das condicionais ativa dois espaços encaixados – Espaço Fundação (F) e Espaço Extensão (E) -, a partir do Espaço Base, que inclui Falante, Ouvinte(s), Momento e Local do evento de fala. Na condicional “Se chover, eles cancelarão o jogo”, por exemplo, a cláusula introduzida pela conjunção *se* (prótase) constrói o Espaço Fundação, que por sua vez, estabelece o enquadre referencial para a construção do Espaço Expansão (apódose). A representação diagramática é a seguinte:

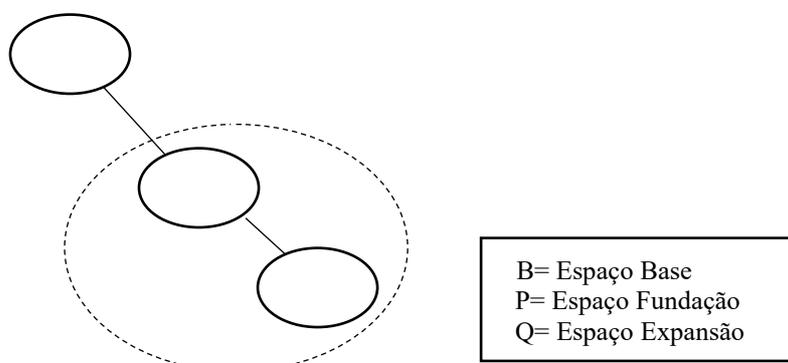


Figura 3 – Espaços condicionais

Fonte: Fauconnier (1997, p. 162).

Com relação ao nível cognitivo, Fillmore (1990) propõe a noção de Postura Epistêmica, relacionada à associação (ou dissociação) mental do falante em relação ao evento descrito em P. Contrastando as construções temporais introduzidas por *when* ('quando') e as construções condicionais introduzidas por *if* ('se'), em inglês, o autor destaca que as primeiras sinalizam postura epistêmica positiva (ex. o falante toma como certa a ocorrência do evento sob escopo da conjunção temporal), enquanto *if* indica postura epistêmica neutra (ex. o falante não se compromete com a ocorrência nem com a não ocorrência do evento sob escopo da conjunção condicional).

No que se refere à relação causal entre P e Q, Sweetser (1990) propõe uma classificação de construções condicionais, subdividindo-as em três tipos:

- (i) Condicionais de Conteúdo – as cláusulas P e Q descrevem eventos do mundo, em termos de uma relação condicional e causal; nesse sentido, o conteúdo da apódose apresenta relação de dependência em relação ao que é enunciado na prótase. Ex. Se o time ganhar o jogo, passará para a próxima fase do campeonato.
- (ii) Condicionais Epistêmicas - a relação causal que se estabelece é entre uma premissa hipotética expressa na prótase e uma conclusão no nível do raciocínio expressa na apódose. Ex. Se o time não passou para a próxima fase do campeonato, é porque não ganhou o jogo.
- (iii) Condicionais Pragmáticas – a relação causal estabelecida não é entre estados de coisas, mas entre um estado de coisas, descrito em P, e um ato de fala realizado em Q. Ex. Se não for incômodo, você poderia me dar uma carona? (nesse caso, a cláusula Q constitui um pedido e, portanto, um ato de fala diretivo)

De acordo com Dancygier e Sweetser (2005), uma das funções centrais das condicionais de conteúdo é a predição, ao passo que as condicionais epistêmicas e pragmáticas, embora possam envolver algum tipo de predição, priorizam o estabelecimento condicional de um padrão de raciocínio, ou de um de um ato de fala, respectivamente. Além disso, as autoras ressaltam que combinações modo-temporais distintas fornecem pistas para a construção complexa de espaços condicionais, sinalizando Pontos de Vista distintos e diferentes estratégias

de (inter)subjatividade. Na subseção, a seguir, apresento uma análise de construções condicionais preditivas do Português Brasileiro, com base nessa proposta.

3.2. Ponto de Vista e (inter)subjatividade na análise de condicionais preditivas do PB

A análise de condicionais preditivas em contextos de uso evidenciou uma relação paradigmática entre tempos de presente e futuro que se caracterizam como alternativas para apódoxe. Em relação a essas alternâncias modo-temporais, contextos reais de uso permitem a identificação de três diferentes grupos:

- (i) Grupo I: [Se V(Futuro do Subjuntivo) -V(Futuro do Indicativo)];
- (ii) Grupo II: [Se V(Futuro do Subjuntivo) -V(Futuro Simples/Perifrástico)],
- (iii) Grupo III: [Se V (Futuro do Subjuntivo) -V (Presente do Indicativo)];

Com base na hipótese de que combinações modo-temporais distintas indicam diferentes graus de (inter)subjatividade, esses três tipos de combinações modo-temporais foram analisadas com base em dados retirados da Corpus do Português (NOW)⁹.

Com relação ao Grupo I - [Se V(Futuro do Subjuntivo) -V(Futuro do Indicativo)] -, observemos o seguinte exemplo:

- (3) Carlotti argumenta que o modelo trará mais estabilidade ao estudante, já que, *se for selecionado para receber uma bolsa de financiamento, a garantirá até o fim da titulação.*

<https://www.terra.com.br/busca/?curl=http://www.terra.com.br/noticias/educacao/usp-propoe-reformular-pos-graduacao-e-reduzir-tempo-para-formar#gsc.tab=0>

Em termos da construção dos espaços condicionais [Se P(*for...*), Q(*garantirá...*)], o exemplo (3) pode ser representado da seguinte forma:

⁹ O Corpus do Português NOW (*News on the Web*) contém em torno de 1,1 bilhões de palavras de jornais e revistas baseados na internet, de quatro países falantes de língua portuguesa. No presente artigo, foram utilizados dados do Português Brasileiro.

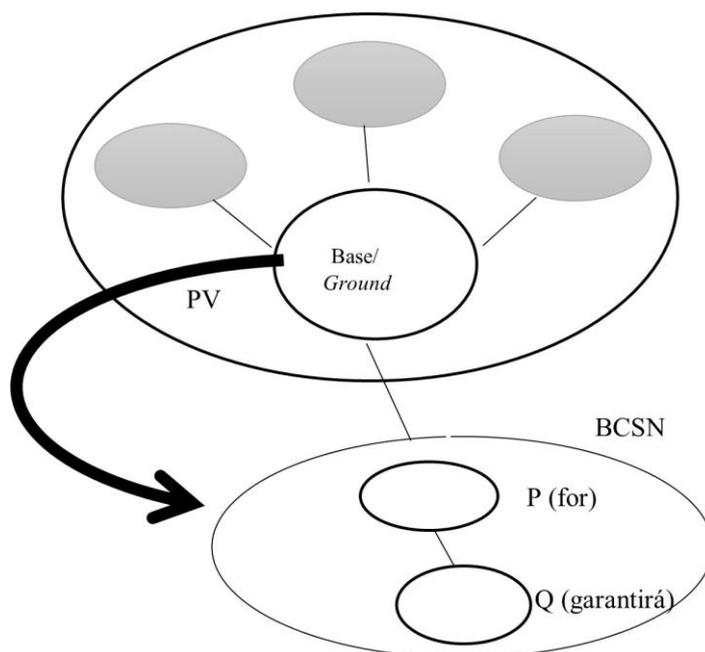


Figura 4 - Construção do significado em condicionais do Grupo I (elaboração própria).

Como indicado na Figura 4, os espaços condicionais no exemplo (3) são construídos a partir da Base (*Ground*), de modo que a possível relação causal entre os eventos “ser selecionado para receber uma bolsa de financiamento” e “garantir a bolsa até o final da titulação” são apresentados, tendo como Ponto de Vista (PV) o evento de fala. Portanto, o Futuro do Subjuntivo e o Futuro do Indicativo, em P e Q, respectivamente, indicam uma situação futura em relação ao momento em que o falante produz a construção condicional. Nesse sentido, a condicional adota uma perspectiva mais objetiva, colocando em proeminência o espaço de conteúdo no qual se estabelece a relação condicional futura entre os eventos apresentados.¹⁰ O exemplo, a seguir, encaixa-se no Grupo II, apresentando o Futuro Perifrástico na apódose:

- (4) O médico Rodrigo Lasmar falou sobre a recuperação do atleta. O jogador será examinado novamente nesta quinta e pode ser liberado para treinar com o grupo.
- Arthur teve trauma importante na região do joelho direito. Teve muita dor e limitação na função. Por isso, não treinou nos últimos dias, ficou em tratamento, mas respondeu muito bem. Hoje ele iniciou trabalho físico, a transição da fisioterapia para o treino normal. Evoluiu bem, respondeu bem. Ele vai ser avaliado amanhã pela manhã. *Se estiver bem, vai fazer trabalho*

¹⁰ Obviamente, a objetividade na linguagem nunca é absoluta, já que, como apontado por Langacker (1987, 1991), há sempre um sujeito conceptualizador responsável pela codificação linguística. Nesse sentido, uma determinada construção será sempre mais ou menos subjetiva; no caso do exemplo (1), portanto, trata-se de uma construção menos subjetiva do que os demais exemplos, como será apontado.

com o grupo. <https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/arthur-faz-treino-fisico-da-chutes-e-se-distancia-de-corte-na-selecao-brasileira.ghtml>

No exemplo (4), para a construção da apódose, há uma mudança de PV, do *Ground* para um espaço mais implícito do BCSN. Vejamos:

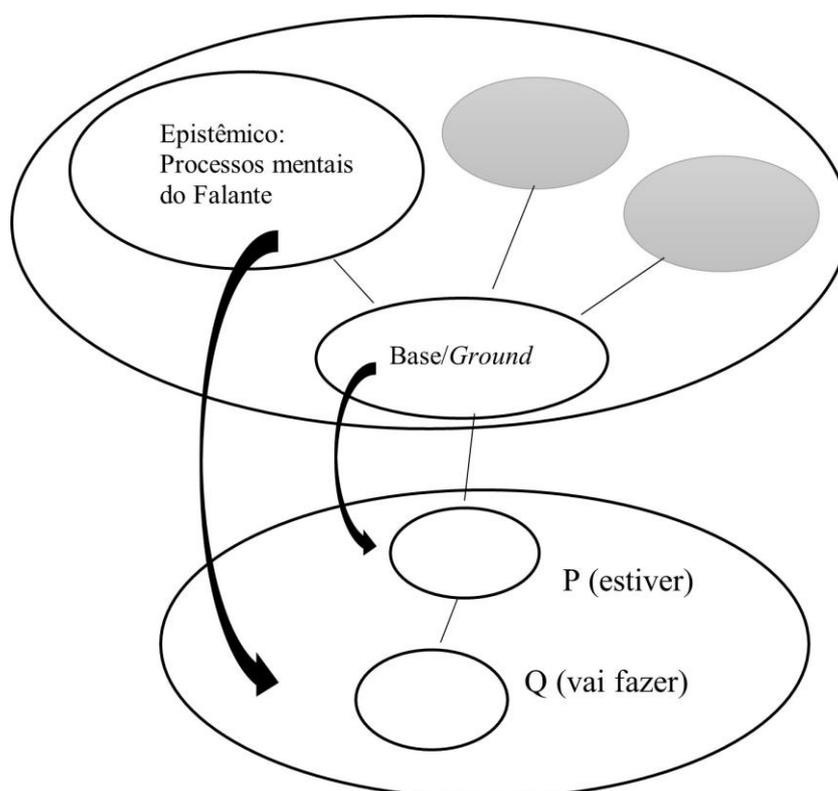


Figura 5- Construção do significado em condicionais do Grupo II (elaboração própria).

Como aponta a Figura 5, o uso do Futuro Perifrástico na apódose - [IR Vinfinitivo] – indica que a predição, nesse caso, é baseada na avaliação da situação atual feita pelo falante (no caso do exemplo (4), o médico que atende ao jogador Artur)¹¹. Esse uso do Futuro Perifrástico difere do uso do Futuro Simples, em que a predição é feita com base em uma relação condicional e causal sem que se sinalize uma avaliação de evidências do presente. Nesse sentido, enquanto as condicionais do Grupo I são mais objetivas (ou menos subjetivas), as condicionais do Grupo II são mais subjetivas.

O Grupo III, por sua vez, difere dos demais grupos por apresentar o uso do Presente do Indicativo na apódose:

¹¹ Essa construção de significado com base em espaço mais implícito no BCSN, também foi apontada por Ferrari e Sweetser (2012: 60) para o futuro com “gonna” em inglês.

- (5) Moradora do bairro há 24 anos, Lúcia Miranda, de 54 anos, disse que na tarde de terça-feira foi na comporta da barragem do frigorífico e abriu o local para dar mais vazão na água. “Há anos eu e meus filhos vamos lá abrir para não alagar aqui. *Se chover e estiver fechada alaga tudo*. Mas alguém deve ter fechado durante à noite. Perdemos tudo. Alagou a rua toda”, desabafou. (<https://correiodoestado.com.br/cidades/os-transtornos-estao-de-volta-br-em-campo-grande/347268/>)

O diagrama, a seguir, ilustra a construção do significado nesse caso:

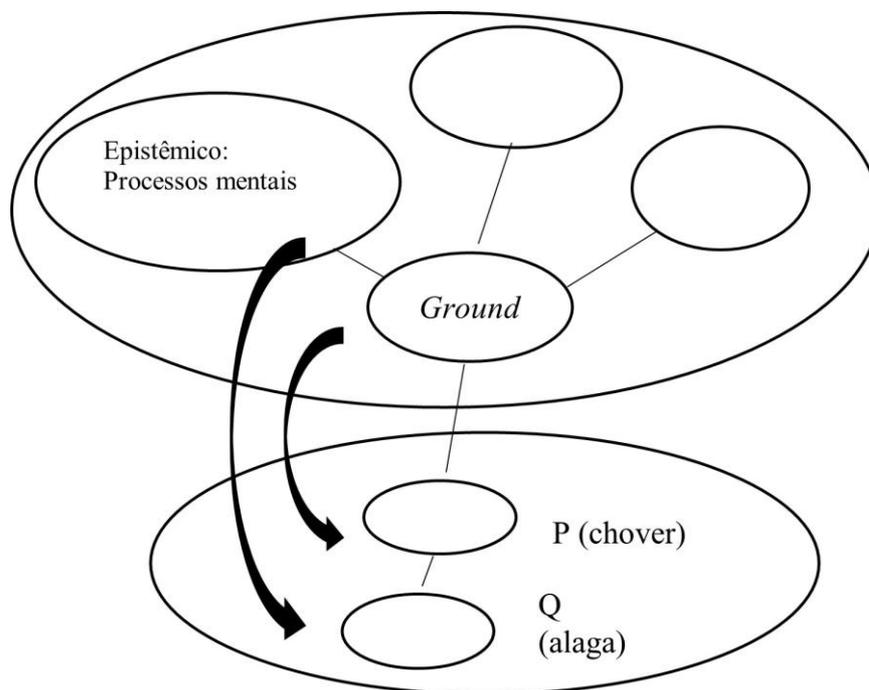


Figura 6 - Construção do significado em condicionais do Grupo III (elaboração própria).

A Figura 6 representa as condicionais preditivas [Se P (Futuro do Subjuntivo), Q (Presente)], com base no exemplo (5), em que o uso do Presente do Indicativo em Q indica que a predição estabelecida pelo falante reflete o conhecimento compartilhado pelos moradores da região afetada pela chuva sobre eventos similares ocorridos anteriormente. Nesse sentido, embora o espaço Q adote o PV de um espaço epistêmico mais implícito, a diferença em relação do Futuro Perifrástico (exemplificado em (4)), decorre do fato de que esse espaço epistêmico envolve não apenas um processo de raciocínio do falante, mas também processos mentais compartilhados por habitantes da região afetada pela chuva. É possível propor, então, que o uso do Presente do Indicativo na apódose, nesse caso, indica maior (inter)subjetividade. A proposta da presente seção, portanto, é a de que os três tipos de condicionais preditivas analisadas podem

ser distribuídas em um *continuum* de subjetividade/intersubjetividade, conforme representado a seguir:

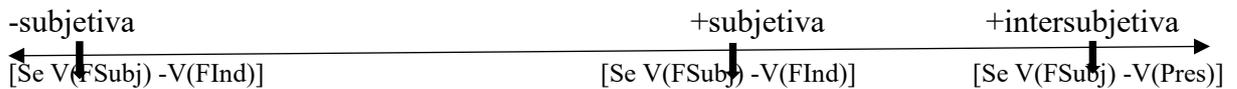


Figura 7 – *Continuum* de (inter)subjetividade (elaboração própria).

O *continuum* de (inter)subjetividade, apresentado na Figura 7, indica que as diferentes escolhas modo-temporais na apódose de condicionais preditivas constitui uma variação motivada por processos cognitivos relacionados à (inter)subjetividade. Essa análise sugere que fatores semelhantes podem explicar combinações modo-temporais evidenciadas em outras construções condicionais preditivas, como também em condicionais epistêmicas e pragmáticas (cf. Ferrari; Almeida, 2015; Ferrari, 2005).

4. Considerações finais

Neste trabalho, enfoco, inicialmente, minha trajetória acadêmica até o começo de minha pesquisa no âmbito da Linguística Cognitiva (1995), a criação do Laboratório de Pesquisa LINC-UFRJ (2007) e a publicação do livro “Introdução à Linguística Cognitiva” (2011). Em seguida, apresento os principais pressupostos teóricos associados à Teoria dos Espaços Mentais, que constitui a vertente teórica que fundamenta grande parte de minha pesquisa. Nesse sentido, foram detalhados os conceitos de espaços mentais, mapeamentos entre domínios (mappings), construtores de espaços, relações entre a noção de Ponto de Vista e escolhas de tempo e modo verbais, mesclagem conceptual, a noção de Rede de Espaços Conceptuais Básicos (BCSN) e suas relações com o continuum subjetividade/intersubjetividade.

Por fim, apresento uma análise de construções condicionais preditivas do Português Brasileiro, que ilustra um espectro mais amplo de análise de construções gramaticais (sintáticas, sintagmáticas e lexicais) investigadas ao longo de minha trajetória acadêmica. Entretanto, a análise apresentada neste trabalho reflete tendência mais recente de minha pesquisa que busca integrar os avanços desenvolvidos no âmbito do modelo dos espaços mentais com base no conceito de BCSN e suas inter-relações com o fenômeno de (inter)subjetividade. Sendo assim, em estudos posteriores, análises mais refinadas de condicionais preditivas, epistêmicas e pragmáticas, bem como de outras construções gramaticais, podem ser desenvolvidas. Em especial, a investigação das relações entre intersubjetividade, argumentatividade e empatia, a

partir de propostas recentes na área (Verhagen, 2021; Geeraerts, 2021), é um caminho a ser trilhado.

Referências

- BATOREO, Hanna; FERRARI, Lilian. «Quão fundo é o fundo?» perspectivação no caso das expressões com 'ao fundo' em português europeu e português do Brasil. *Estudos Linguísticos*, Lisboa, v. 10, p. 145-154, 2015.
- BATOREO, Hanna; FERRARI, Lilian. Events of motion and Talmyan typology: verb-framed and satellite-framed patterns in Portuguese. *Cognitive Semantics*, v. 2, p. 59-79, 2016.
- BEAUGRANDE, Robert. Cognitive processes and technical writing: developmental foundations. *Journal of Technical Writing and Communication*, v. 12, n. 2, p. 121-145, 1982. DOI: <https://doi.org/10.2190/F7PK-4KU1-PRVY-VRV9>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.2190/F7PK-4KU1-PRVY-VRV9>. Acesso em: 26 mar. 2025.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. London: Cambridge University Press, 1985.
- CHOMSKY, Noam. A Review of B. F. Skinner's *Verbal Behavior*. *Language*, v. 35, n.1, p. 26-58, 1959.
- COULSON, Seana. *Semantic leaps: frame shifting and conceptual blending in meaning construction*. Cambridge University Press, 2001.
- CUTRER, Michelle. *Time and tense in narratives and everyday language*. Ph.D. Dissertation. University of California, San Diego, 1994.
- DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. *Mental spaces in grammar: conditional constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings In Thought And Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve (Eds.), *Spaces, worlds, and grammar*. Chicago: University of Chicago Press. 1996.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, Lilian. *Aspectos cognitivos da interferência da fala na escrita: a repetição na produção de textos*. 1985. 82f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.
- FERRARI, Lilian. Distribution and function of word order variation in Brazilian Portuguese. *Journal of Pragmatics*, v. 14, n. 4, p. 649-665, 1990. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(90\)90035-C](https://doi.org/10.1016/0378-2166(90)90035-C). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/037821669090035C>. Acesso em: 26 mar. 2025.

- FERRARI, Lilian. *Variação linguística e redes sociais no Morro dos Caboclos, RJ*. 1994. 196f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- FERRARI, Lilian. A sociocognitive approach to modality and conditional constructions in Brazilian Portuguese. *Journal of Language and Linguistics*, v. 1, p. 218-238, 2002.
- FERRARI, Lilian. Modalidade e condicionalidade no português do Brasil. *Recorte*, Três Corações, v. 3, p. 1-17, 2005.
- FERRARI, Lilian. Condicionais reportadas e flexibilidade de ponto de vista. *Gragoatá*, Niterói, v. 23, p. 95-109, 2007.
- FERRARI, Lilian. Reportar condicionais: uma questão de ponto de vista. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n.1, p. 119-140, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.16.1.117-140>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2482/0>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- FERRARI, Lilian (org.). *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERRARI, Lilian. Acrobacias cognitivas: ponto de vista e subjetividade em redes condicionais. In: Moura, H.; Gabriel, R. (org.). *A cognição na linguagem*. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2012a, v. 1, p. 43-62.
- FERRARI, Lilian. Pragmática, pressuposição e condicionais interrogativas. In: Cestero Mancera, Ana M.; Molina Mattos, Isabel; Paredes García, Florentino (org.). *La lengua, lugar de encuentro*. Actas del XVI Congreso Internacional de la Alfal. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, v. 1, 2012b, p. 1011-1014.
- FERRARI, Lilian; ALMEIDA, Paloma Bruna. Subjetividade e intersubjetividade em condicionais: alternâncias entre presente e futuro no português brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística*, Assis, v. 59, p. 89-111, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1502-4>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/LTMLK4YJfWfZXjwNKFC37pm/>. Acesso em: 26 mar. 2025.
- FERRARI, Lilian; CHIAVEGATTO, Valeria. *A motivação conceptual da gramática*. Matruga, Rio de Janeiro, 1995.
- FERRARI, Lilian; SWEETSER, Eve. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: Dancygier & Sweetser (eds.). *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 47-68.
- FILLMORE, Charles. Frame semantics. *Linguistics in the morning calm*, Seoul: Hanshin, p.111-137, 1982.
- FILLMORE, Charles. Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences. *Papers from the Twenty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, p. 137-162, 1990.
- GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- GEERAERTS, Dirk. Second-order empathy, pragmatic ambiguity and irony. In: Augusto

- Soares da Silva (ed.). *Figurative Language: Intersubjectivity and usage*. Amsterdam: John Benjamins., 2021, p.19-40.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 2, Amsterdam: John Benjamins. 1984.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. v.2, Amsterdam: John Benjamins. 1990.
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.
- LAKOFF, Giles; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. v. I: *Theoretical prerequisites*. Standford, CA: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald. Subjectification. *Cognitive Linguistics*, v. 1, 1990, p. 5-38.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. v. II *Descriptive applications*. Standford CA: Stanford University Press, 1991.
- LANGACKER, Ronald. *Grammar and conceptualization*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.
- MANDELBLIT, Nili. The Grammatical marking of conceptual integration: from syntax to morphology. *Cognitive Linguistics*, v. 11, n. 3/4, p. 197-251, 2000.
- MILROY, Lesley. *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell, 1980.
- ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: Moore, T. (ed.), *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Academic, Press, 1973, p.11-44.
- ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: Rosch, E. e Lloyd, B. (eds.), *Cognition and Categorization*, Hillsdale, NJ; NY: Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48.
- SKINNER, Frederic. *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.
- SANDERS, Joe; SANDERS, Ted; SWEETSER, Eve. Causality, cognition and communication: a mental space analysis of subjectivity in causal connectives. In: SANDERS, Ted; SWEETSER, Eve (Ed.). *Causal categories in discourse and cognition*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009, p. 19-59.
- SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TALMY, Leonard. Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science*, v.12, p. 49-100, 1988.
- TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics* (2 vols.). Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- THOMPSON, Sandra. *Information flow and dative shift in English discourse*. Duisburg: LAUD, 1989.
- TURNER, Mark. *The Origin of Ideas: Blending, Creativity, and the Human Spark*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

VERHAGEN, Arie. *Constructions of intersubjectivity*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

VERHAGEN, Arie. *Ten Lectures on Cognitive Evolutionary Linguistics (Distinguished Lectures in Cognitive Linguistics 24)*. Leiden/London: Brill, 2021.

Recebido em 19 de março de 2025

Aceito em 26 de abril de 2025